

GEOGRAFIA CULTURAL



# TEMAS E CAMINHOS DA GEOGRAFIA CULTURAL

Organização  
**Zeny Rosendahl**  
**Roberto Lobato Corrêa**





UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Vieira Alves da Castro

Vice-reitor

Maria Christina Paixão Maioli

EdUERJ 

Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

CEP 20550-900 – Rio de Janeiro – RJ

Tel./fax: (21) 2334-0720 / 2334-0721

www.eduerj.uerj.br / eduerj@uerj.br

*Editor Executivo*

Italo Moriconi

*Gerência Editorial*

Carmem da Matta

*Coordenador de Publicações*

Renato Casimiro

*Coordenadora de Produção*

Rosania Rolins

*Coordenador de Revisão*

Fábio Flora

*Revisão*

Fernanda Machtyngier

Fernanda Vallim

Luciana Lorensone

Shirley Lima

*Capa*

Heloisa Fortes

*Diagramação*

Emilio Biscardi

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

---

T278 Temas e caminhos da geografia cultural / Organização,  
Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. – Rio de  
Janeiro: EdUERJ, 2010.  
318 p.

ISBN 978-85-7511-173-4

1. Geografia humana. 2. Cultura. I. Rosendahl, Zeny.  
II. Corrêa, Roberto Lobato.

CDU 911.3

---

Copyright © 2010 by EdUERJ

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, em quaisquer meios, sem a autorização expressa da editora.

AS FRONTEIRAS NA IMPRENSA: UM  
ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO  
DOS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS  
SUL-AMERICANOS NA CARTOGRAFIA  
JORNALÍSTICA

André Reyes Novaes

Informações sobre o espaço geográfico são difundidas para o grande público por meio de veículos distintos. Há bastante tempo sabe-se que não são apenas as aulas de geografia e nossas experiências diretas que influenciam a construção de imagens mentais sobre o espaço. Mediante jornais, revistas, televisores e computadores, o público recebe uma grande quantidade de informação que influencia no processo de qualificação e significação dos lugares.

O presente trabalho busca estabelecer uma discussão sobre o papel das imagens midiáticas na difusão de informações sobre o espaço a partir de um objeto relativamente pouco explorado: a cartografia jornalística. O objetivo aqui é estudar os mapas veiculados na imprensa brasileira construídos para representar os espaços de fronteira sul-americanos, considerando tanto aspectos téc-

nicos relativos à construção destas imagens,<sup>1</sup> como aqueles ligados aos significados das práticas cartográficas selecionadas.<sup>2</sup> Como documentos figurativos de alta circulação, os mapas jornalísticos podem difundir e revelar concepções distintas sobre as fronteiras, influenciando na construção de imagens mentais sobre estes locais que marcam o contato e o conflito entre Estados nacionais.

Para grande parte da população brasileira, pertencente a um país que se desenvolveu intensamente orientado para o Atlântico, os espaços próximos aos limites internacionais dos países vizinhos são majoritariamente conhecidos por meio de veículos midiáticos. Afastadas dos grandes centros urbanos e dos locais de decisão política, as fronteiras continentais brasileiras são frequentemente representadas nos mapas da imprensa, pois localizar *onde* ocorreu um evento ou fenômeno é uma função muito solicitada quando se trata de uma notícia situada fora do eixo de circulação dos jornais. Como foi evidenciado por pesquisas em outros países, existe uma relação entre a frequência dos mapas jornalísticos e a representação de locais desconhecidos pelos leitores (Monmonier, 1989).

<sup>1</sup> A abordagem mais focada nas técnicas de produção dos mapas jornalísticos pode ser exemplificada em trabalhos como os de Gauthier (1988), Monmonier (1989) e Kent e Sanders (1993).

<sup>2</sup> Uma discussão relacionada ao significado das práticas cartográficas, com comentários específicos sobre os mapas da imprensa, pode ser encontrada em Gilmartin (1985), Wood (1992), Harley (1996), Green (1999), entre outros.

Como espaços raramente conhecidos de forma direta, as fronteiras continentais brasileiras podem ser consideradas uma “terra incógnita” contemporânea para grande parte da população que produz e consome as informações dos jornais de circulação nacional. Relacionando os modelos de representação das fronteiras com discussões sobre a difusão de imagens midiáticas, buscarei neste trabalho estudar a qualificação e a significação de espaços desconhecidos através da linguagem específica dos mapas veiculados na imprensa.

#### A FRONTEIRA COMO “TERRA INCÓGNITA”: INFORMAÇÕES SOBRE UM ESPAÇO DESCONHECIDO

Sabe-se que atualmente não encontramos mais mapas da superfície terrestre que representem espaços literalmente desconhecidos, classificados como tendo “existência duvidosa” (Wright, 1947). Nesse contexto, ainda é possível se discutirem a representação e a construção de imagens mentais sobre lugares desconhecidos? De acordo com o renomado geógrafo John K. Wright (1947), a qualificação de uma área enquanto conhecida ou desconhecida “depende obviamente tanto de quem conhece como de que classe de conhecimento se tome em conta” (p. 3), o que possibilita uma discussão sobre as formas de acessar as informações e de imaginar o espaço na atualidade.

Para a população que majoritariamente escreve e lê os principais jornais de grande circulação brasileiros, as áreas de fronteira, por mais claras que apareçam nos mapas oficiais e jornalísticos, permanecem como lugares longínquos e desconhecidos, afastados de seus espaços de vivência. Para usar a expressão dos “geógrafos” da antiguidade clássica resgatada por Wright (1947), as fronteiras poderiam ser caracterizadas como uma “terra incógnita” para a maioria da população produtora e consumidora das informações da grande imprensa. Embora saibamos que não existem mais áreas desconhecidas em termos literais, como aquelas regiões indicadas nos antigos mapas gregos, a imaginação segue como um elemento fundamental na nossa relação com o espaço, pois, como não temos acesso direto a muitos lugares, seguimos elaborando “concepções imaginativas que tendemos a compartilhar com os outros” (Wright, 1947, p. 6).

A ideia de se trabalhar com uma “geografia imaginativa” que associa qualificações estereotipadas a zonas geográficas específicas tem encontrado bastante espaço no trabalho de geógrafos contemporâneos. Autores como Gregory (1995) e Driver (1999), por exemplo, utilizaram criticamente, o termo “geografia imaginativa”, evidenciando como o conhecimento geográfico apresenta uma forte relação com a difusão de informações e a exploração de locais desconhecidos. Estes trabalhos discutem as contribuições do texto de Edward Said (1995), que tem “tido especial influência na Geografia Cultural

anglo-americana” (Martins, 1998, p. 16) e pode ser caracterizado como “texto fundador do criticismo pós-colonial contemporâneo” (Driver, 2001, p. 7).

A ideia de Said (1995) de que entidades geográficas como “Oriente” e “Ocidente” são historicamente construídas estimulou muitos trabalhos a respeito da construção da alteridade no encontro entre a Europa e o restante do mundo. Guardadas as devidas diferenças, no âmbito do presente trabalho, podemos dizer que – assim como o “Oriente” – a palavra “fronteira” também “acumulou uma ampla gama de significados, associações e conotações” (Said, 1995, p. 203). O encontro com o diferente e a criação de estereótipos é um processo que também ocorre no interior dos continentes e os espaços de fronteira podem ser locais privilegiados para se estudar as formas de qualificação dos países vizinhos e dos seus pontos de articulação com o território nacional. No caso específico do Brasil, trata-se de um país que historicamente não valoriza o diálogo e os intercâmbios no seu continente, o que justifica o raro sentimento de pertencimento do país à América Latina: “ela estaria ali, ao nosso lado, bastava sair inadvertidamente por terra que chegaríamos lá, terra de ‘cucarachos’ e não de conterrâneos” (Sader, 2001, p. 9).

Além de apresentarem a tendência de difusão de imagens simplistas dos outros países, os meios de comunicação também tratam com frequência as fronteiras como locais quase inexplorados e pouco articulados ao território nacional. Nesse contexto,

o envio de repórteres às cidades fronteiriças pode ser relatado como uma verdadeira aventura de exploração. Associando a viagem à fronteira com elementos como perigo, coragem e descoberta, as reportagens podem explicitar como as fronteiras, principalmente no norte do país, são vistas como locais longínquos e afastados: “Com muita disposição e especialistas em missões nas fronteiras da região norte, nossos repórteres experimentaram um pouco das dificuldades oferecidas pela floresta nestas regiões”, relatava o editorial da revista *Veja* (13/02/1991).

A relação entre a imprensa e a exploração de locais desconhecidos não pode ser considerada um fenômeno recente. Discutindo a relação entre conhecimento geográfico e cultura da exploração, o trabalho de Driver (2001) evidencia a importância do jornalismo como forma de divulgação das informações sobre explorações britânicas ainda no período colonialista. Segundo o autor, a apresentação dos exploradores e de seus espaços de atuação para o público já era feita por meio de “uma variedade de mídias comunicativas”, entre elas as “revistas populares e os jornais” (p. 200). Este processo de comunicação de informações sobre lugares longínquos se acentua progressivamente e pode-se considerar que, no último terço do século XIX, “o negócio da exploração foi profundamente influenciado pela transformação do jornalismo popular” (p. 10). Esse é um dos nichos de sobrevivência de uma cultura da exploração, pois, a partir desses

veículos, “a fronteira vem sendo instalada em outros espaços, tanto materiais como imaginários” (p. 201).

Trazendo essas discussões para a difusão de informações sobre as fronteiras continentais no Brasil contemporâneo, considero aqui que os mapas jornalísticos e os textos que os acompanham são como “narrativas”, como antigos “relatos de viagem”. Ao serem veiculadas na imprensa, essas imagens participam do processo de qualificação e significação de localidades desconhecidas empiricamente. Partindo de matrizes teóricas diversificadas, muitos geógrafos já constataram a importância da mídia no processo de criação de imagens mentais, pois estas claramente são “influenciadas pela experiência direta com o ambiente e por recursos externos como os ‘mass media’” (Moore e Golledge, 1976, p. 3).

Desde meados do século XX, alguns autores já reconheciam a importância da mídia na formação de imagens mentais sobre os lugares. Wright (1947), por exemplo, constatava que, para além de um “núcleo” acadêmico produtor de conhecimento, a geografia teria “uma zona periférica muito mais vasta”, em “livros de viagens, em revistas e jornais, em muitas páginas de ficção e poesia e em muitas telas” (Wright, 1947, p. 12). Em artigo dedicado a Wright, Lowenthal (1961) segue estas ideias e distingue a existência de uma forma direta de se obter informação sobre o espaço, através de “experiências frescas, de primeira mão” (p. 258), de outra indireta, que seria representada

pelos “mundos sobre os quais lemos e vemos nas obras de arte” (p. 260).

Para Burgess (1987), essa divisão proposta por Lowenthal (1961) tem sido importante para o trabalho dos geógrafos que estudam a qualificação dos espaços na mídia, considerando as diferenças entre informações locais (primárias) e informações noticiadas na grande imprensa (secundárias). No entanto, deve-se compreender que não há como eleger formas mais ou menos legítimas de acesso à informação, considerando que no mundo moderno a “informação mediada é mais central do que secundária” (Burgess, 1987, p. 7). Nesse contexto, o estudo da mídia vem ganhando maior destaque nas pesquisas geográficas.

Embora existam reflexões pioneiras, a sistematização de metodologias específicas para se estudar a qualificação dos espaços na imprensa pode ser considerada uma preocupação relativamente recente na geografia. Como nos relata Burgess (1987), até a década de 1970, os geógrafos que estudaram a mídia focavam majoritariamente suas análises em metodologias quantitativas para mensurar o crescimento das telecomunicações. Identificando uma nova agenda de pesquisa sobre mídia na geografia, Burgess (1987) observa uma valorização de estudos sobre o “conteúdo das reportagens e seu impacto nas imagens individuais e grupais dos lugares” (p. 9), o que incentiva o desenvolvimento de abordagens focadas no significado das informações.

Neste contexto, considero aqui que a cartografia jornalística é um veículo que participa deste processo de comunicação e significação dos lugares, apresentando “uma quantidade significativa de informações geográficas para o público” (Kent e Sanders, 1993, p. 95). Embora não tenha sido um objeto de estudo muito frequente na geografia, é válido ressaltar que alguns autores se interessaram pelo estudo desses mapas já no seu primeiro grande impulso durante as guerras mundiais do século XX (Speier, 1941; Whigham, 1947; Ristow, 1957).

Após esses eventos geopolíticos marcantes, frequentemente representados espacialmente, a cartografia vem ganhando mais espaço na mídia, principalmente a partir da década de 1980, com a introdução de computadores e impressoras modernas no seu processo de produção e reprodução (Monmonier, 1989). Cada vez mais frequentes na mídia de forma geral, os mapas constituem um tipo de imagem muito requisitado para representar espaços desconhecidos pelos leitores, o que pode justificar um estudo sobre a escolha das práticas cartográficas na representação dos espaços de fronteira na América do Sul.

#### SIGNIFICADOS DISTINTOS ASSOCIADOS ÀS FRONTEIRAS

Embora este trabalho seja focado majoritariamente no papel da imaginação na

construção de imagens cartográficas, não podemos esquecer que estes modelos de representação podem também gerar impactos concretos na vida daqueles que habitam e conhecem cotidianamente os espaços de fronteira. Ou seja, ao estudar os modelos que fundamentam a construção de imagens sobre as fronteiras na imprensa brasileira, não se deve perder de vista que os mapas estudados, além de refletirem concepções existentes na sociedade, também podem justificar e direcionar ações sobre esses espaços, inclusive com o caráter de políticas públicas governamentais.<sup>3</sup>

Decidir entre a construção de uma estrada, uma ponte, um batalhão ou um muro na fronteira não é uma tarefa exclusivamente técnica e objetiva, pois também envolve significados e simbolismos associados aos sistemas territoriais vizinhos e seus pontos de conexão com o território nacional. A forma como imaginamos um espaço orienta nossas ações sobre o mesmo, e, nesse sentido, as imagens cartográficas difundidas na imprensa para representar as fronteiras podem ser uma fonte de informação importante sobre este mundo simbólico que direciona uma série de práticas materiais.

<sup>3</sup> Ao participar como pesquisador no plano de reestruturação do Programa da Faixa de Fronteira brasileira para o Ministério da Integração Nacional (Brasil, 2005) e de outras atividades do Grupo Retis de Pesquisa, tive a oportunidade de visitar alguns municípios fronteiriços sul-americanos e observar como as políticas públicas federais seguem frequentemente concepções externas que não condizem com as demandas e reivindicações locais.

Mas quais seriam os significados e as ações majoritariamente relacionadas com as fronteiras? Que modelos e esquemas existem para representar estes espaços? Segundo Lopez de Mesa (2002), qualquer estudo sobre fronteiras deve primeiramente reconhecer que estas regiões não têm apenas um significado, mas um horizonte de significados, podendo ser caracterizadas de forma polissêmica como: “poder diluído, espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo de interações”, entre outras definições.

De fato, o sentido da palavra *fronteira* é bastante ambíguo e significados muito distintos já foram associados aos espaços denominados com esse termo. Por um lado, a fronteira pode ser considerada uma zona ou região de conflito potencial, seguindo a origem etimológica da palavra enquanto “frente” ou “front” de batalha (Foucher, 1991). Por outro, esses espaços podem ser caracterizados a partir das trocas culturais, econômicas e sociais que ali se dão, ou seja, as fronteiras seriam “lugares privilegiados onde se efetuam as confrontações, os empréstimos, as experiências” (Duby, 1988, apud Ribeiro, 2001). Nesse sentido, as fronteiras apresentam um papel relacional que simultaneamente conecta e separa, estimulando representações diversificadas na imprensa. A proposta do presente trabalho é justamente identificar alguns desses significados a partir da linguagem dos mapas jornalísticos.

Dependendo da seleção de ícones, índices, símbolos, cores, projeções, escalas, e temas associados às fronteiras, os mapas



jornalísticos podem representar estes espaços com significados distintos. Como região de conflito, a fronteira geralmente atrai políticas públicas pontuais de militarização e fechamento, coincidindo no plano conceitual com os limites internacionais e estimulando uma representação frequentemente alarmista relacionada ao perigo de violação da soberania nacional (Machado, 2000). Como contato, estes espaços são representados a partir da integração e da abertura, concebidos como áreas privilegiadas para a cooperação internacional.

Os exemplos da grande imprensa brasileira, na qual se concentrou a pesquisa documental deste artigo, destacam com muita frequência os espaços de fronteira como lugares não controlados, por onde circulam “terroristas, drogas, armas e explosivos” (*O Globo*, 02/05/1999). Manchetes como “Fronteiras, um caso de Polícia” (*Jornal do Brasil*, 01/10/1989), “Pontos Críticos da Peneira” (*O Globo*, 02/05/1999) ou “Fronteiras do País pedem Socorro” (*O Estado de São Paulo*, 27/08/2006), auxiliam na qualificação dos pontos de contato com os países vizinhos. Dessa forma, a imprensa estimula uma concepção de fechamento das fronteiras a partir de declarações que clamam pela militarização e pelo desenvolvimento de ações de caráter separativo: “Precisamos levantar uma verdadeira muralha da China, porque no lado boliviano a coca é vendida livremente a quem quiser, o governo deve atuar mais no controle da região”, dizia um delegado de polícia entrevistado pelo jornal *O Globo*

(08/09/1985) para falar sobre as relações entre as cidades bolivianas e brasileiras.

No entanto, ao retratar contextos e localidades específicas, a imprensa também pode transparecer outras concepções, estimulando uma visão integradora entre os países sul-americanos. Geralmente, os cadernos de turismo apresentam outras visões, valorizando as conexões entre o Brasil e os Estados limítrofes, principalmente no sul do continente: “O que mais encanta quando se atravessa a linha imaginária que separa o Brasil do Uruguai é exatamente a magia que transforma a fronteira em união”, em que “o público divide graciosamente o português e o espanhol numa mesma mesa de bate-papo” (*Folha de São Paulo*, 22/02/1985). A constatação de discursos contraditórios na imprensa, relacionando a fronteira com conflito ou contato dependendo do contexto da reportagem, estimulou a formulação de algumas indagações, que, embora não possam ser respondidas inteiramente neste trabalho, discutem diretamente o impacto destes modelos explicativos na construção dos mapas jornalísticos:

1. Quais são as práticas cartográficas mais frequentemente utilizadas pelos mapas jornalísticos brasileiros para representar os espaços de fronteira na América do Sul? A que modelos de representação estas práticas estão associadas?

2. É possível identificar tendências diferenciadas na representação dos espaços de fronteira nos mapas da imprensa considerando fatores como os segmentos representados, os temas noticiados e os contextos geopolíticos vigentes?
3. A identificação de omissões e destaques nas práticas cartográficas aplicadas possibilita a construção de uma tipologia que considere os significados distintos associados aos espaços de fronteira?

#### TENDÊNCIAS OBSERVADAS NA PESQUISA DOCUMENTAL

Para responder a essas indagações, tenho feito uma busca sistemática por mapas veiculados nos jornais brasileiros de grande circulação que representam os segmentos de fronteiras entre os países sul-americanos.<sup>4</sup> A pesquisa tem contemplado um período que vai desde meados da década de 1970, quando os jornais brasileiros passaram a incorporar a cartografia de forma crescente, até a atualidade, considerando um intervalo

<sup>4</sup> Os jornais de grande circulação pesquisados são: *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*, todos considerados por Silva (1989) os jornais “de elite” do país, onde segundo o padrão observado por Monmonier (1989) para o caso norte-americano, se encontra a maior quantidade de representações cartográficas.

com mudanças importantes nas formas de produção dos mapas jornalísticos e na geopolítica do continente.

Tecnicamente, os mapas que eram feitos à mão e, muitas vezes, apenas reproduzidos na imprensa, são agora feitos a partir de bases computadorizadas e impressoras de alta definição. Já a geopolítica continental, com a implantação do Mercosul e a intensificação de trocas comerciais, também pode apresentar características variadas ao longo do período selecionado, imprimindo transformações na percepção que a população dos grandes centros urbanos brasileiros tem dos espaços fronteiriços de seu continente. Considerando o desenvolvimento técnico dos mapas na imprensa e os modelos explicativos relacionados à sua construção, buscarei aqui, seguindo caminhos anteriormente trilhados em outras pesquisas iconográficas, desenvolver uma abordagem em que “aspectos técnicos, cognitivos e linguísticos das representações sejam considerados tão seriamente quanto suas funções ideológicas” (Martins, 1998, p. 19).

Analisando os mapas levantados na pesquisa documental até aqui realizada, observa-se primeiramente um aumento quantitativo e qualitativo de sua presença nos jornais ao longo do período estudado, possibilitando o crescente uso de um vasto conjunto de símbolos, cores e projeções. Quanto aos significados associados aos espaços de fronteira, identifica-se uma predominância da representação desses espaços enquanto fonte de “perigo” ou “ameaça”. A forma de ver os vizinhos influencia as concepções

sociais relacionadas aos espaços de fronteira, frequentemente caracterizado como “porta de entrada” dos males do país. O mapa a seguir, mesmo que não possa ser analisado detalhadamente neste momento, serve para exemplificar um discurso muito comum que vitimiza o Brasil frente aos demais países de seu continente, evidenciando as dificuldades de integração sul-americana.

Publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, no ano de 1997, o mapa em questão já representa um momento de profundo desenvolvimento nas tecnologias de produção e reprodução da cartografia jornalística, fazendo uso de cores e signos diversos para representar as relações entre o Brasil e os países limítrofes. Índices, símbolos e textos relacionados a localidades específicas são utilizados para representar as atividades que cruzam as fronteiras do continente.

O foco temático está claramente no destaque das atividades ilegais, consideradas uma “afrota à soberania”, por não respeitarem as fronteiras nacionais, como destaca o título da reportagem. Este mapa, feito com base em um “relatório reservado da polícia federal”, foi veiculado na última página de um caderno especial de domingo intitulado: “Fronteiras abertas”. As reportagens anteriores utilizavam textos para discutir diversos circuitos ilegais (o tráfico de drogas, o contrabando de armas, o roubo de carros, o tráfico de órgãos humanos, o contrabando de madeiras e minério, entre outros) e o mapa situado no final do caderno busca representar espacialmente essas atividades.

Mapa 1



Fonte: *O Estado de São Paulo*, 15/06/1997.

Muitos textos na reportagem evidenciam a existência de um discurso em que o Brasil aparece como vítima, pois a ilegalidade

e suas mazelas têm origem do outro lado da fronteira. Nesta perspectiva, o controle dos fluxos com os países limítrofes seria a solução para combater as atividades ilegais no país, o que fica explícito no subtítulo do mapa: “nesta faixa de fronteira está a origem da violência que vai explodir sob diversas formas nos grandes centros urbanos da região sudeste”.

Porém, mesmo valorizando a interpretação dos textos que aparecem no interior dos mapas ou nas reportagens, é válido explicitar que o objeto de estudo deste trabalho se debruça prioritariamente sobre as imagens cartográficas. Segundo Mitchell (1986), mesmo que se tenha uma visão crítica sobre a separação precisa entre texto e imagens, deve-se reconhecer que estas duas linguagens constituem tipos distintos de signo. No presente artigo, busquei discutir de forma introdutória os sistemas de referência vinculados aos signos cartográficos utilizados pelos mapas na imprensa, estabelecendo diálogos pontuais com os signos textuais existentes no interior dos mapas e nas reportagens que os acompanham. Essa distinção não significa considerar as imagens e os textos formas opostas de representação, enquanto convencionais ou miméticas (Mitchell, 1986).

Como os textos, as imagens não são constituídas por símbolos naturais (devido à sua semelhança com o real), mas sim por símbolos convencionais que só podem ser compreendidos a partir do domínio de um sistema de referência específico.

Muitos signos utilizados no mapa podem ser considerados índices, que no sentido definido por Peirce (1972) seriam um tipo de signo em que existe uma relação direta com o referente, mas a convenção ainda está claramente presente. O interpretante ainda necessita de um sistema de referência ou de uma “ancoragem” frequentemente fornecida pela legenda. Para compreender que o desenho pictórico de uma árvore significa o contrabando de madeira e minério, ou que a representação de tubos de ensaio significa a presença de refinarias de cocaína, há a necessidade da legenda e de referências prévias, mesmo que as imagens apresentem “indícios” relacionados diretamente a estas atividades. Atuando no processo de comunicação a partir de convenções sociais específicas, as imagens participam tanto quanto os textos do processo de qualificação e significação das localidades.

A esta altura, fica claro que o exame sistemático dos mapas jornalísticos como documentos figurativos que revelam e influenciam as concepções sobre os espaços de fronteira requer necessariamente a definição de uma metodologia específica de análise do significado das imagens. Observando as matrizes teóricas utilizadas por geógrafos que seguiram questões semelhantes às aqui propostas, identifiquei que a busca por ferramentas metodológicas para o estudo interpretativo das imagens conduziu a uma

presença recorrente de duas matrizes teóricas: a história da arte e a semiologia.<sup>5</sup>

Por meio da formulação que deram aos conceitos de iconografia e iconologia, os historiadores da arte têm influenciado o trabalho de muitos geógrafos que estudam as paisagens, fotografias e mapas como indícios, documentos que revelam concepções específicas sobre o espaço geográfico (Cosgrove, 1984, 1987, 2000; Harley, 1988, 1996; entre outros). Por outro lado, a semiologia tem estabelecido um diálogo frutífero com a geografia, contribuindo tanto no que diz respeito às possibilidades de construção de produtos gráficos para representar o espaço (Bertin, 1967; Bodin, 1984; Gauthiner, 1984), como na identificação de discursos difundidos a partir de signos específicos (Wood, 1992; Duncan, 1990; Duncan e Duncan, 1992; Aitken, 1991; entre outros). É a partir desses diálogos que pretendo buscar ferramentas metodológicas para desenvolver uma análise simbólica dos espaços de fronteira nos mapas jornalísticos pesquisados.

Ao utilizar índices e símbolos para representar as atividades ilegais, o mapa em questão pode auxiliar na vinculação de certos espaços específicos com a ilegalidade que está sendo representada. Uma abordagem iconográfica poderia descrever esses

---

<sup>5</sup> É válido ressaltar que se trata da identificação de um uso recorrente e *não exclusivo* destas matrizes. Dependendo do interesse das pesquisas sobre imagem, estes diálogos podem se expandir por caminhos que não se enquadram nas duas matrizes aqui selecionadas como bases metodológicas para o estudo da cartografia jornalística.

sentidos iniciais, atribuindo a cada localidade um significado primário determinado pelo signo escolhido: a Colômbia refina cocaína; o Peru planta coca; a fronteira do Brasil com a Bolívia tem tráfico de órgãos humanos e tráfico de cocaína etc. Poderíamos, assim, "catalogar e descrever os significados primários ou convencionais" (Panofsky, 1979). Porém, segundo Harley (1988, p. 295), ao estabelecer uma ligação entre o significado de um emblema particular com o território representado, todo mapa pode simbolizar valores culturais e políticos, possibilitando uma análise iconológica dos significados "intrínsecos ou do conteúdo" dessas imagens.

Um signo pictórico pode assim auxiliar na qualificação total de uma unidade territorial com uma atividade ou elemento específico. O plantio de coca, por exemplo, situado na Bolívia e no Peru e representado a partir de folhas sobre o território, certamente não ocupa esses países inteiros, e sim apenas algumas manchas situadas em regiões específicas. Já as refinarias de cocaína, representadas a partir de tubos de ensaio na Colômbia e na Venezuela, são um bom exemplo de generalização de um fenômeno que apresenta localização pontual, pois o processamento da droga é uma prática que não ocupa extensas áreas contíguas e não deve ser associada à totalidade dos territórios dos países vizinhos (Machado, 2001; Novaes, 2005). O uso de signos pictóricos pode assim ser bastante eficiente na qualificação de um espaço, explicitando a intencionalidade existente na construção do mapa e difundindo

imagens mentais específicas sobre os lugares representados.

Até mesmo nos países do Cone Sul como a Argentina são classificados a partir de signos pictóricos e vinculados às atividades ilegais (tráfico de cocaína, contrabando de carro, tráfico de armas, lavagem de dinheiro etc.), o que, segundo o texto inserido no mapa, seria “uma ameaça real ao Mercosul”. Nesse sentido, esta reportagem corrobora claramente com as tendências identificadas por Grinson (2001, p. 27), nas quais, para além da “irmandade” entre os povos que poderia ser estimulada pelo novo contexto geopolítico do Mercosul, o que vigora, na realidade latino-americana, é a intensa “produção de imagens negativas dos vizinhos”. Outros autores, como Sader (2001), identificam uma recente transformação nas imagens mentais sobre os vizinhos com a maior integração do continente: “[...] é como se o Brasil olhasse para o resto do continente como quem olha no espelho e não mais numa janela que apontava para um mundo exótico e distante” (p. 10).

Partindo do pressuposto de que a cartografia jornalística atua como mais um veículo que influencia na formação de imagens mentais diversificadas sobre as fronteiras sul-americanas, o presente trabalho buscou questionar em que momentos e a partir da representação de quais segmentos esses espaços são valorizados por sua posição marginal ou por seu caráter conectivo e interativo. Ao discutir como os jornais brasileiros qualificam fronteiras desconhecidas pela maioria

dos leitores a partir da construção de representações espaciais, este trabalho, ainda em desenvolvimento, pode contribuir tanto para a compreensão dos modelos explicativos que envolvem esses espaços quanto para o estudo específico sobre a linguagem dos mapas veiculados na imprensa.

#### REFERÊNCIAS

- AITKEN, C. e ZONN, E. *Place, power, situation and spectacle. A geography of film*. Boston: Rowman e Littlefield, 1991.
- BALCHIN, W. G. V. “The media map watch in the United Kingdom”. In GAUTHIER, M. J. (org.). *Cartography in the Media*. Quebec: Presses de l’Université du Québec, 1988.
- BERTIN, J. *Sémiologie graphique*. Paris: Gauthier-Villars, 1967.
- BODIN, S. “Novas perspectivas para o ensino da cartografia”. *Boletim Goiano de Geografia*, 1982, v. 2, n. 1, pp. 73-87.
- BODIN, S. “Um bilan dès images graphiques (diagrame et cartes) dans la Presse Francese, 1980 – 1986”. In GAUTHIER, M. J. (orgs.). *Cartography in the media*. Quebec: Presses de l’Université du Québec, 1988.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. *Programa de desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Proposta de reestruturação do programa de desenvolvimento da Faixa de Fronteira*. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

- BURGESS, J. "Image and identity". *Occasional Paper in Geography*, University of Hull, 1973, n. 23.
- e GOLD, J. (orgs.). *Geography, media and popular culture*. Londres: Croom Helm, 1987.
- COSGROVE, D. *Social formation and symbolic landscape*. Londres: Croom Helm, 1984.
- e DANIELS, S. (orgs.). *The iconography of landscape*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- e JACKSON, P. "Novos rumos da geografia cultural". In CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia cultural: um século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, pp. 15-32.
- CRAMPTON, J. W. "Maps as social constructions: power, communication and visualization". *Progress in Human Geography*, 2001, v. 25, n. 2, pp. 235-52.
- DRIVER, F. "Imaginative geographies". In CLOKE, P. et al. (orgs.). *Introducing human geographies*. Londres: Arnold, 1999.
- . *Geography militant: cultures of exploration in an age of empire*. Londres: Blackwell, 2001.
- DUNCAN, J. *City as text. The politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- e DUNCAN, N. G. "Ideology and bliss: Roland Barthes and the secret histories of landscape". In BARNES, T. e DUNCAN, J. S. *Writing worlds. Discourse, text e metaphor in the representation of landscape*. Londres: Routledge, 1992.
- FOUCHER, M. *Fronts et frontières – un tour du monde géopolitique*. Paris: Fayard, 1991.
- GAUTHIER, M. J. (org.). "Les cartes et les diagrammes des médias: réflexions générales et quelques exemples procédant de la graphique". *Cartography in the media*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1988.
- GILMARTIN, P. "The design of journalistic maps/purposes, parameters and prospects". *Cartographica*, 1985, v. 22, n. 4, pp. 1-18.
- GREEN, D. R. "Journalistic cartography: good or bad? A debatable point". *The Cartographic Journal*, 1999, v. 36, n. 2, pp. 141-53.
- GREGORY, D. "Imaginative geographies". *Progress in Human Geography*, 1995, v. 19, pp. 447-85.
- GRIMSON, A. (org.). "Introdução. Fronteras políticas versus fronteras culturales?". *Fronteras, naciones e identidades. La periferia como centro*. Buenos Aires: Ciccus-La Crujía, 2001.
- GRONOFF, J. D. "Approche théorique d'un savoir-faire graphique: étude de quelques produits graphiques des Hédomanaires Nordaméricains, newaweek et time". In GAUTHIER, M. J. (org.). *Cartography in the media*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1988.
- HARLEY, J. B. "Maps, knowledge and power". In COSGROOVE, D. e DANIELS, S. (orgs.). *The iconography of landscape*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1988.
- . "Deconstructing the map". In AGNEW, J. et al. (orgs.). *Human geography: an essential anthology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

- HOUSE, J. "The frontier. A conceptual problem for police makers". *International Political Science Review*, 1980, v. 4, n. 1, pp. 456-77.
- KENT, R. B. e SANDERS, J. M. "Map use in regional newspaper in Midwestern United States 1930-1985". *Cartographica*, 1993, v. 30, n. 2, pp. 94-101.
- LOPES de MESA, G. M. V. L. "Fronteras: espacios conceptuales y materiales em el contexto de la geografia". In GRINSON, A et al. (orgs.). *Fronteras territorios y metáforas*. Medellín: Hombre Nuevo Editores Medellín, 2002.
- LOWENTHAL, D. "Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology". *Annals of the Association of American Geographers*, 1961, v. 51, n. 3, pp. 241-60.
- MACHADO, L. O. "Limites, fronteiras, redes". In STROHAECKER et al. *Fronteiras e espaço global*. III Colóquio Internacional de Estudos Fronteiriços. Santana do Livramento/Rivera: AGB, 1998.
- . "Limites e fronteiras. Da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade". *Revista território*, 2000, ano V, n. 8, 2000, pp. 7-23.
- . "Sistemas, fronteiras e território". *Atlas da Fronteira Continental do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 (Coleção de Textos).
- MARTINS, L. *Paisagens brasileiras, olhos britânicos: o Rio de Janeiro dos viajantes, 1800-1850*. UFRJ, 1998.
- MITCHELL, W. J. T. "Iconology: image, text, ideology". *Encyclopédie de Géographie Humaine*. Paris: Economica, 1986, pp. 257-72.
- MONMONIER, M. *Maps with the news: the development of American journalistic cartography*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- . *How to lie with maps*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- MOORE, G. T. e GOLLEDGE, R. G. (orgs.). *Environmental knowing: theories, research, an methods*. Pensilvânia: Dowden, Hutchinson & Ross, 1976.
- NOVAES, A. R. *A iconografia das drogas na imprensa (1975-2002)* (tese). UFRJ, 2005.
- PANOFSKY, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979 [1955].
- PEIRCE. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix e USP, 1972.
- RIBEIRO, L. P. "Zonas de fronteira internacionais na atualidade: uma discussão". *Atlas da Fronteira Continental do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. (Coleção de Textos).
- RISTOW, W. W. "Journalistic cartography". *Surveying and Mapping*, 1957, v. 17, n. 4, pp. 369-90.
- SILVA, C. E. L. "La influencia americana en el periodismo brasileño". *Dialogos de la Comunicación*, 1989, v. 24, pp. 7-18.
- SADER, E. "Introdução" In FREIRE, S. M (org.). *Mercosul em debate: desafios da integração na América Latina*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- SAID, E. *Orientalism: western conceptions of the Orient*. Londres: Penguin Books, 1995.
- SPEIER, H. "Magic geography". *Social Research*, 1941, v. 8, pp. 310-30.
- WOOD, D. *The power of maps*. Londres: Routledge, 1992.



- WRIGHT, J. K. "Map makers are human: comments on the subjective in maps". *Geographical Review*, 1942, v. 32, pp. 527-44.
- . "Terrae incognitae: the place of imagination in geography". *Annals of the Association of American Geographers*, 1947, v. 37, pp. 1-15.

#### JORNAIS UTILIZADOS

*O Estado de São Paulo*, 15/06/1997

*O Estado de São Paulo*, 27/08/2006

*Jornal do Brasil*, 01/10/1989

*Jornal do Brasil*, 30/11/1990

*Veja*, 13/02/1991

*O Globo*, 08/09/1985

*O Globo*, 04/08/1988

*O Globo*, 16/10/1988

*O Globo*, 02/05/1999